

Os Interesses Geopolíticos e a influência da Guerra da Síria no Equilíbrio de Poder no Oriente Médio

Marcio Rocha¹

Bárbara Peixoto Cabral²

DOI: 10.29327/2283050.15.1-2

Resumo: Este artigo teve o objetivo de analisar a Guerra da Síria, destacando como os interesses geopolíticos conflitantes de atores externos foram responsáveis por prolongar o conflito, resultando em desequilíbrio de poder na região. Em função da complexidade do conflito, foram abordadas as presenças e interesses de dois atores estatais globais - Estados Unidos e Rússia -, e dois atores estatais regionais - o Irã e a Turquia. A teoria que fundamentou as reflexões e argumentos sobre o equilíbrio de poder foram baseadas nos fundamentos da teoria realista e neorrealista. A conclusão aponta que a Guerra na Síria serviu para um rearranjo de poder na região em função dos interesses políticos da Rússia, Estados Unidos, Iran, Turquia e Arábia Saudita, gerando uma instabilidade no equilíbrio de poder regional.

Palavras-chave: Geopolítica. Guerra da Síria. Oriente Médio.

Geopolitical Interests and the influence of the Syrian War on the Balance of Power in the Middle East

Abstract: This article aimed to analyze the Syrian War, highlighting how the conflicting geopolitical interests of external actors were responsible for prolonging the conflict, resulting in an imbalance of power in the region. Due to the complexity in understanding the conflict, the presence and interests of two global state actors - the United States and Russia -, and two regional state actors - Iran and Turkey, were addressed. The theory that supported the reflections and arguments about the balance of power were based on the foundations of realist and neorealist theory. The conclusion points out that the War in Syria served for a rearrangement of power in the region due to the political interests of Russia, United States, Iran, Turkey, Saudi Arabia, generating instability in the regional balance of power.

Keywords: Geopolitics. Syrian War. Middle East.

Intereses geopolíticos y la influencia de la guerra de Siria en el equilibrio de poder en Medio Oriente

Resumen: Este artículo tuvo como objetivo analizar la guerra de Siria, destacando cómo los intereses geopolíticos en conflicto de actores externos fueron responsables de prolongar el conflicto, lo que resultó en un desequilibrio de poder en la región. Debido a la complejidad en la comprensión del conflicto, se abordó la presencia y los intereses de dos actores estatales globales -Estados Unidos y Rusia-, y dos actores estatales regionales -Irán y Turquía-. La teoría que sustentó las reflexiones y argumentos sobre el equilibrio de poder se basó en los fundamentos de la teoría realista y neorrealista. La conclusión señala que la Guerra en Siria sirvió para un reordenamiento del poder en la región debido a los intereses políticos de Rusia, Estados Unidos, Irán, Turquía, Arabia Saudita, generando inestabilidad en el equilibrio de poder regional.

Palabras clave: Geopolítica. Guerra Siria. Oriente Medio.

¹Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e Segurança Internacional (PPGEST) - Instituto de Estudos Estratégicos - UFF.

²Discente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e Segurança Internacional (PPGEST) - UFF.

Introdução

A ocorrência de uma série de manifestações e revoltas em diversos países no Oriente Médio e no Norte da África, em dezembro de 2010 e meados de 2011, tiveram como origem a insatisfação popular contra os governos autoritários e associadas com as condições econômicas e sociais miseráveis existentes (GUL; KHAN; TAYYAB, 2020, p.29). Verificou-se que, rapidamente, essa onda de protestos se alastrou, tendo como consequência direta que alguns governos autoritários fossem obrigados a abdicar do poder. Entretanto, em outros Estados, as manifestações foram fortemente reprimidas resultando em conflitos internos e guerras civis.

Nessa dinâmica de manifestações e revoltas, a onda revolucionária alcançou a Síria em março de 2011, momento em que eclodiu uma série de protestos civis contra o regime de Bashar Al-Assad, com exigências de maiores liberdades individuais e uma melhoria tanto nas instituições políticas quanto econômicas (GUL; KHAN; TAYYAB, 2020, p.29). A situação começou a se agravar quando o governo Al-Assad promoveu uma violenta repressão às manifestações. Nesse cenário, ocorreu a emblemática situação que gerou forte revolta entre a população síria. Tratou-se do caso da prisão e tortura de catorze adolescentes que haviam escrito o *slogan* dos protestos da Primavera Árabe – “O povo quer a queda do regime” - na parede de um colégio na cidade de Deraa. Diante desse fato, os ideais revolucionários rapidamente se espalharam por todo o país, resultando em uma guerra civil contra o regime sírio (ISLAM; KARIM, 2016, p.107).

A guerra civil na síria já contabiliza um saldo de aproximadamente 500 mil mortes e mais de 1 milhão de vítimas, além de ocasionar o deslocamento de aproximadamente nove milhões de pessoas, causando uma das piores crises humanitárias da história desde a Segunda Guerra Mundial (GUL; KHAN; TAYYAB, 2020, p.29). Uma das características deste conflito foi sua internacionalização e com a presença e intervenção de diversos atores externos.

Sob esse aspecto, podemos analisar a Guerra da Síria como sendo uma forma de guerra por procuração, pois existe a participação de atores externos - regionais e globais - que disputam o controle do conflito apoiando o regime ou os rebeldes (PERUDIN; TAN, 2019, p.10).

Nesse sentido, podemos destacar o apoio do Irã e da Rússia ao governo Al-Assad, com a Turquia apoiando os rebeldes sunitas e os Estados Unidos financiando os grupos curdos (YAZICI, 2018, p.3). Portanto, a participação desses atores externos, apoiando lados opostos do conflito, motivados pelos seus próprios interesses geopolíticos, assim como pela disputa pela obtenção de uma maior influência na região (GUL; KHAN; TAYYAB, 2020, p.30), resultou em uma forte instabilidade que, conseqüentemente, afeta o equilíbrio de poder na região (PERUDIN; TAN, 2019, p.5).

Considerando esse cenário, o objetivo deste artigo foi o de analisar os interesses geopolíticos dos principais atores, globais e regionais, envolvidos na Guerra da Síria, destacando como a disputa de interesses afetou o equilíbrio de poder da região.

Para ajudar a entender a questão envolvendo o equilíbrio de poder, esta pesquisa utiliza fundamentos das Teorias Realista e Neorrealista das Relações Internacionais, onde verificamos que o equilíbrio de poder refere-se a uma situação de estabilidade entre forças concorrentes, ou seja, ao equilíbrio entre países ou alianças para evitar que qualquer entidade se torne suficientemente forte e, assim, adquira a capacidade de impor sua vontade sobre os demais.

Este artigo está dividido em três seções. A primeira aborda a base teórica realista e tem a finalidade de fornecer uma maior compreensão sobre a conexão da geopolítica com o equilíbrio de poder no Sistema Internacional. A segunda seção aborda a importância geopolítica da Síria para o Oriente Médio. Em complemento, foram também abordados a participação e os interesses geopolíticos de dois atores globais - Estados Unidos e Rússia, e de dois atores regionais - Irã e Turquia.

Por fim, na terceira seção foi analisado como os interesses geopolíticos conflitantes dos atores externos considerados foram os responsáveis por prolongar a guerra, afetando o Equilíbrio de Poder da região.

Os Fundamentos do Realismo e o Conflito na Síria

A teoria realista tem como fundamento a análise das relações de competição e conflito entre os Estados, em que todas as unidades estatais estariam inseridas em uma espécie de anarquia internacional, na qual não existiria uma autoridade supranacional central que constrangeria o

comportamento dos Estados, de forma que o sistema internacional seria regido por uma forte instabilidade e pela ameaça de eclosão de um conflito. Justamente por conta dessa instabilidade, os Estados teriam seu comportamento modelado com o intuito de assegurar a sua sobrevivência no sistema internacional. Nessa linha, o realismo recupera os ensinamentos de Hobbes quanto à natureza humana e faz uma analogia ao comportamento dos Estados, os quais possuiriam uma natureza egoísta que os levaria a buscar a sua segurança através da constante preparação para adentrar em uma guerra (RODRIGUES, 2010, p.47).

Essa necessidade de busca por segurança teria como origem as ameaças advindas das competições por poder. O Poder estaria atrelado com a segurança, de modo que a segurança de um Estado dependeria da quantidade de poder que ele possui. Assim, os Estados no ambiente internacional anárquico, constantemente estariam competindo uns contra os outros em busca de poder, na busca de garantir sua segurança e que seria obtida através do domínio do Estado mais fraco (LOZANO VÁSQUEZ, 2020, p.140).

Diante do receio das imprevisibilidades internacionais e o desejo por obtenção de poder como meio se assegurar a sua segurança, surge como consequência a noção de Equilíbrio de Poder, que visa estabilizar as relações de poder no ambiente internacional (CORRÊA, 2016, p.40). O teórico realista Hans Morgenthau resgata os aprendizados da reordenação política proposta no Congresso de Viena, em 1815, responsável por equilibrar os poderes das potências europeias após as guerras napoleônicas e adapta esse conceito para a sua realidade. Para Morgenthau, os Estados buscariam maximizar os seus ganhos e minimizar as perdas, que seriam medidos através da quantidade de poder que possuiriam. Diante da falta de uma autoridade supranacional para moldar e controlar o comportamento dos Estados, haveria a constante possibilidade de ocorrer uma guerra no Sistema Internacional. Para contornar esse problema e assegurar certa estabilidade, seria necessária a formação de alianças defensivas, compostas por potências com capacidades de poder mais ou menos equiparadas.

Morgenthau estabelece dois modelos de Equilíbrio de Poder. No primeiro, o Equilíbrio de Poder ocorreria como uma oposição direta e resultado dos interesses de dois Estados envolvidos. Esse modelo almeja preservar a estabilidade e a independência das duas unidades estatais aliadas. Já no

segundo modelo, ocorre o Equilíbrio de Poder competitivo, pelo qual dois Estados se alinham para balancear o poder de um terceiro Estado envolvido (MORGENTHAU, 2003, p.330-337).

Ainda de acordo com o pensamento de Morgenthau, o Equilíbrio de Poder surgiria como um meio de alcançar a estabilidade internacional diante do receio dos detentores de poder abusarem da sua força, sendo necessária a formação de alianças para estabelecerem pesos e contrapesos contra o Estado mais forte (CORRÊA, 2016, p.40).

Já na visão neorrealista, muitos dos elementos propostos na teoria realista são reafirmados, mas o pressuposto de que a natureza humana seria imprevisível foi abandonada, sendo substituída pela noção de que o problema estaria na estrutura anárquica do sistema internacional (MIJARES, 2021, p.59). Assim, para Mijares (2021, p.61):

A (in)segurança do sistema internacional é entendida como função do equilíbrio e distribuição de poder ao qual os Estados se ajustam de acordo com suas próprias capacidades. (Tradução nossa).

Diante dessa afirmação, cabe destacar que o neorrealismo possui duas vertentes: a defensiva e ofensiva. No presente artigo, utilizamos a noção defensiva, pela qual defende-se ser necessário ter poder o suficiente para preservar a sua própria segurança, de modo que não cause um desequilíbrio internacional, ou seja, a estabilidade internacional deve ser assegurada para preservar a segurança nacional (MIJARES, 2021, p.61). O realismo defensivo tem como seu maior expoente Kenneth Waltz, que aprimorou a ideia de Morgenthau, e concebeu a afirmação de que o sistema internacional determinaria a natureza anárquica, ao invés da natureza humana defendida pelos realistas, fazendo com que justamente por conta dessa anarquia os Estados não conseguem cooperar uns com os outros. Portanto, os Estados ao buscarem seus interesses, poderiam acabar maximizando o seu poder, conseqüentemente representando uma ameaça aos demais ao afetar o Equilíbrio de Poder vigente (PERUDIN; TAN, 2019, p.4). Diante disso, os Estados reagiriam aos estímulos da estrutura anárquica internacional, funcionando como contrapesos ou se alinhando a outros Estados (MIJARES, 2021, p.60).

Ao considerar esse pensamento Corrêa (2016, p.48), define assim o pensamento de Waltz:

Waltz definiu a teoria da balança do poder como um desenvolvimento da teoria sistêmica das relações internacionais. O destino de cada Estado no sistema internacional depende das suas respostas às ações dos outros Estados. Quanto maior é a participação do Estado na distribuição das capacidades no sistema internacional menores serão as possibilidades de ele ser constrangido.

Cabe mencionar a estrutura do sistema internacional pensado por Waltz que é, ao mesmo tempo, anárquica e hierarquizada. Na primeira, ocorreria a ausência de um poder superior aos Estados, sendo a ordem definida pelo comportamento estatal no ambiente internacional. Já no segundo, a ordem de interação entre os Estados seria estabelecida pelas instâncias superiores às unidades, ou seja, haveria uma hierarquia a partir das capacidades materiais entre os Estados, na qual os que possuísem mais recursos estariam em uma posição superior aos outros (CORRÊA, 2016, p.45).

Diante desse cenário, Waltz conclui que existiriam dois tipos de distribuição de capacidades. No primeiro, o bipolar, que seria mais estável e permitiria uma melhor articulação entre os Estados, pois só existiria um inimigo. Já no segundo, o multipolar, seria mais instável e menos previsível, por conta de não existir somente um inimigo, fazendo com que os Estados não conseguissem definir de modo eficiente os seus aliados e os inimigos (CORRÊA, 2016, p.47).

Com isso, tanto a teoria realista quanto a neorrealista fornecem uma base para a compreensão das alianças e conflitos entre as potências na Síria e os seus arranjos de Equilíbrio de Poder. A questão do Equilíbrio de Poder será abordada na terceira seção do artigo, mas antes cabe discutir as motivações e os interesses para o envolvimento de atores externos no conflito sírio.

Os Interesses Geopolíticos presentes no conflito na Síria

O Oriente Médio desperta a cobiça das potências globais por conta da sua importância estratégica e pela concentração de recursos energéticos como petróleo e gás natural. Por conta dessas características, constantemente a região tem sofrido intervenções de atores externos, os quais desestabilizam a região e estimulam as rivalidades vigentes oriundas das diferenças sectárias e estruturais.

Além disso, justamente por conta da militarização estrangeira na região, os

interesses locais são minados e dificultam a integração da região (ZULFQUAR, 2018, p.122).

No caso específico da Síria, o território já contava com características peculiares por estar inserido em uma das partes mais conturbadas do Oriente Médio, e que foram intensificados com a Crise Síria a partir de 2011. Cabe destacar que a Síria faz fronteira com o Líbano e Israel ao oeste, a Turquia ao norte, Iraque a leste e Jordânia ao sul. Essa posição faz com que a Síria tenha uma centralidade na região, estando próximo de diversos Estados abundantes em recursos energéticos (ISLAM; KARIM, 2016, p.115). Destaca-se que a maioria dos Estados envolvidos na Guerra da Síria são países exportadores de gás e lutando para prevalecer a sua proposta de construção de gasoduto para integrar a região à Europa (ISLAM; KARIM, 2016, p.111). Essa questão ficou evidente, em 2009, com o governo sírio rejeitando a proposta de construção do gasoduto Catar-Arábia Saudita-Jordânia-Síria-Turquia, e com a aprovação, em 2011, do gasoduto Irã-Iraque-Síria (ISLAM; KARIM, 2016, p.115). A permissão para a construção do gasoduto de uma das partes foi um dos motivos que moveu os demais, que não ganharam a proposta, a apoiarem a derrubada do regime Al-Assad, enquanto que os que ganharam o projeto demonstraram seu apoio ao governo sírio (ISLAM; KARIM, 2016, p.111).

Nesse cenário de conflitos de interesses, torna-se importante destacar, também, os interesses geopolíticos dos Estados Unidos, da Rússia, do Irã e da Turquia no envolvimento e intensificação das ações na Guerra da Síria.

Os interesses geopolíticos dos Estados Unidos da América (EUA) no Oriente Médio

Inicialmente, cabe destacar os dois principais motivos que levaram os EUA a intervirem na Guerra da Síria. O primeiro diz respeito ao desejo de estabelecer um regime democrático, seguindo os valores ocidentais, com o intuito de instituir um controle político e econômico na Síria, visando estabelecer um aliado do regime norte-americano na região (BERZINS, 2013, p.5). O segundo motivo está de fato ligado com a questão geopolítica, no qual a Síria mantém laços estreitos com a Rússia e o Irã, também contando com o auxílio do Hezbollah na defesa do regime, e apoia políticas contra Israel (ISLAM; KARIM, 2016, p.121). Assim, uma aliança entre a Rússia e o Irã poderia prejudicar os interesses norte-americanos,

tanto em matéria de segurança quanto na questão energética, por conta do projeto de construção de novos oleodutos e gasodutos (DOSTAL, 2018, p.366), e que acabaria com o livre fluxo de petróleo na região (GUL; KHAN; TAYYAB, 2020, p.34). De modo geral, Gul, Khan e Tayyab (2020, p.34) destacam os objetivos norte-americanos na região:

O objetivo aparente dos EUA na Síria era derrotar o ISIS (Estado Islâmico do Iraque e da Síria). No entanto, seus objetivos estratégicos subjacentes são a proteção do Estado de Israel, garantindo o fluxo livre de petróleo da região, mantendo sua hegemonia e minimizando as chances de o Irã e as suas organizações aliadas, como o Hezbollah, de manterem uma presença permanente na Síria, pondo em perigo a segurança de Israel. (Tradução nossa).

Contudo, apesar de todos esses interesses destacados, a atuação dos EUA na Síria foi muito criticada por, inicialmente, não intervir diretamente no conflito, limitando-se ao fornecimento de auxílio humanitário (BERZINS, 2013, p.5), e o fornecimento de armas e treinamento à oposição moderada do governo sírio (PERUDIN; TAN, 2019, p.11). Foi somente em setembro de 2014, que os EUA formaram uma coalizão, juntamente com outros Estados, para combater a ameaça do Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS), conforme EASO (2019, p.6), realizando operações militares contra o grupo e outras organizações jihadistas atuantes na Síria (ISLAM; KARIM, 2016, p.121).

Em 2018, os EUA passaram a apoiar a Força Democrática Síria e a Unidade de Proteção Popular, duas alianças compostas majoritariamente por combatentes curdos e árabes, tendo como objetivo obter apoio para controlar o trânsito de petróleo e água na região e assegurar a segurança de Israel frente a possível coalizão de forças regionais (DOSTAL, 2018, p.366). Contudo, o apoio norte-americano aos curdos criou uma discórdia com a sua aliada da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) - a Turquia, a qual acabou se aproximando da Rússia através da compra de sistemas de defesa aéreo (EASO, 2019, p.7).

Os interesses geopolíticos da Rússia no Oriente Médio

Desde sua independência, em 1945, a Síria mantém fortes laços de amizade com a Rússia. Naquela época, a Síria buscava o reconhecimento internacional e tinha na antiga União Soviética, a qual antecedeu a Rússia, sua

principal aliada. Ao mesmo tempo, a União Soviética reconhecia na Síria importante aliada na região do Oriente Médio.

Assim, a política da Rússia sempre apresentou interesses na Síria para o estabelecimento de parcerias comerciais e a colaboração militar (LOVOTTI, 2019, p.67). Essas foram as diretrizes que determinaram o relacionamento entre os dois Estados, de modo que foi natural que a Rússia interviesse a favor do regime de Al-Assad no conflito sírio (LOVOTTI, 2019, p.69). Era extremamente necessário para a política russa que não houvesse uma mudança de regime, pois acabaria perdendo o seu principal aliado na região e, conseqüentemente, afetaria a sua presença militar consolidada através da base militar russa em Tartus, única instalação naval russa fora de seu território (ISLAM; KARIM, 2019, p.119).

A Rússia sinalizou seu apoio ao governo Al-Assad através dos vetos nas proposições de intervenção do Conselho de Segurança (ISLAM; KARIM, 2016, p.119). Em 2015, o apoio ficou mais evidente com a parceria firmada entre Rússia e Síria, iniciando-se os ataques aéreos russos contra as forças rebeldes e as localidades controladas pelo ISIS (EASO, 2019, p.9). Assim, em troca do auxílio russo no combate aos rebeldes foi estipulado que (EASO, 2019, p.9):

A aviação russa terá permissão para permanecer na Síria indefinidamente; é negado o direito das autoridades sírias de inspecionar as forças russas; e que as forças russas recebem imunidade total por quaisquer infrações cometidas na Síria. (Tradução nossa).

Diante desses eventos, a Rússia passou a ser vista como o ator externo dominante na Síria, se opondo à influência norte-americana na região (ISLAM; KARIM, 2016, p.119), contando com forte potencial de se tornar o principal ator no Oriente Médio (EASO, 2019, p.10).

Os interesses geopolíticos do Irã no Oriente Médio

A Síria e o Irã são aliados desde a Revolução Islâmica de 1979 (EASO, 2019, p.4). Portanto, era inadmissível que o Irã perdesse o seu único aliado árabe na região, pois teria como consequência a ameaça de fechamento da passagem terrestre em território sírio, utilizada pelo Irã para fornecer armamento ao Hezbollah, o seu principal aliado contra Israel (HOKAYEM, 2016, p.70). O forte apoio iraniano ao governo sírio está atrelado com a proteção da sua segurança nacional, consolidada pelo “Eixo de Resistência” entre os dois Estados, visando

se oporem aos interesses norte-americanos e israelenses na região. Outro motivo que levou o Irã a apoiar o regime Al-Assad se deu pelo receio de que a queda do governo sírio despertaria o desejo da Arábia Saudita em derrubar o governo iraquiano, outro aliado importante do Irã (KINNINMONT, 2016, p.51). Mesmo o Irã apresentando relações tensas com a Rússia, optou por manter uma aliança por conveniência, motivada a assegurar a sobrevivência do governo sírio e, conseqüentemente, protegendo os seus interesses na região (EASO, 2019, p.6).

Desse modo, o Irã demonstrou seu apoio ao Governo Sírio de variadas formas: a) auxílio para contornar as sanções internacionais; b) a extensão de linhas de crédito; c) o fornecimento ininterrupto de armamentos para as forças defensoras de Al-Assad (ISLAM; KARIM, 2016, p.119); d) a organização de carregamento de petróleo iraquianos; e) o treinamento de milícias sírias; e, f) o envio da Guarda Revolucionária Islâmica para lutar junto de Al-Assad (EASO, 2019, p.4).

Os interesses geopolíticos da Turquia no Oriente Médio

Antes do início dos protestos da Primavera Árabe, a Turquia já havia estabelecido uma nova política externa visando o apaziguamento das tensões nas suas fronteiras com o Irã, o Iraque e Síria (YAZICI, 2018, p.5).

No caso da Síria, o governo turco firmou uma parceria com a criação do Conselho de Cooperação Estratégica de Alto Nível, com a finalidade de preparar a região para uma zona de livre comércio (YAZICI, 2018, p.5), concedendo a permissão de deslocamentos entre as duas unidades estatais sem a necessidade de apresentar um visto (KINNINMONT, 2014, p.52). Contudo, essa cooperação ficou abalada com a eclosão do conflito sírio, ao produzir uma grave crise de refugiados sendo recebidos pela Turquia, que não tinha condições econômicas, políticas e sociais para receber tamanho influxo (GÁRZON; GHOTME; ORTIZ, 2015, p.21).

Torna-se importante destacar que a Crise Síria representou uma forte ameaça à segurança da Turquia, pois suas fronteiras ficaram ameaçadas por conta do controle de grupos islâmicos radicais e pela presença dos movimentos curdos envolvidos no conflito, de forma que a Turquia teve de modificar suas políticas em relação aos refugiados. O governo turco autorizou a construção de um muro em Nusaybin, localidade turca que fazia fronteira com a cidade síria

Qamishli, marcada pelo forte conflito entre curdos, rebeldes e grupos árabes (GÁRZON; GHOTME; ORTIZ, 2015, p.21).

Em relação à ameaça curda, existia a preocupação do Partido da União Democrática, da ramificação síria do Partido dos Trabalhadores do Curdistão, operando livremente na fronteira Turquia-Síria, inclusive recrutando combatentes para lutar contra a Turquia (ISLAM; KARIM, 2016, p.120). O receio turco aumentou, em 2014, quando os Estados Unidos passaram a financiar os grupos de oposição do regime Al-Assad, compostos por curdos, gerando um desconforto entre os dois aliados da OTAN (EASO, 2019, p.8).

Tendo como objetivo se consolidar como um líder regional, a Turquia buscou resolver o conflito de forma pacífica e diplomática com a Síria, mas ao perceber a resistência de Al-Assad, passou a apoiar os grupos de oposição rebeldes sírios, gerando um distanciamento entre os dois Estados (HERBERT; OYOSORO, 2016, p.11). Assim, a Turquia se tornou uma das principais bases logísticas dos rebeldes da Coalizão Nacional, fornecendo armas, suprimentos e combatentes para lutarem contra o regime Al-Assad (GÁRZON; GHOTME; ORTIZ, 2015, p.21). Em 2015, após ter sofrido um ataque terrorista, a Turquia aceitou colaborar com os EUA, permitindo que as forças da coalizão utilizassem as bases aéreas turcas para realizarem ataques contra o ISIS estabelecido em território sírio (ISLAM; KARIM, 2016, p.120).

A Guerra da Síria e o Equilíbrio de Poder no Oriente Médio

Ao observarmos os interesses geopolíticos dos atores estatais envolvidos no conflito sírio, percebemos a regência da lógica realista, os quais foram mobilizados a partir da preservação dos seus interesses associados com o desejo de projetar o seu poder na região (GÁRZON; GHOTME; ORTIZ, 2015, p.16). Diante da característica da anarquia internacional e dos interesses conflitantes entre as potências, a Síria acabou se tornando um teatro de guerra onde foi travado um confronto de interesses entre Estados, os quais constantemente alteravam o seu alinhamento com outras unidades estatais, de forma que se tornava cada vez mais complicado distinguir quem seria aliado ou inimigo no confronto (GÜNER; KOÇ, 2017, p.124). Ou seja, como complementa Philips (2022, p.3):

O conflito na Síria, desde o início, foi influenciado por atores externos, notadamente Estados Unidos, Rússia, Turquia, Irã, Arábia Saudita e Catar e suas ações foram fortemente constrangidas e incentivadas pelo sistema internacional em que operavam. O grande número de estados envolvidos na Síria, não alinhados em um bloco ou dois blocos opostos, impactou o comportamento desses Estados. (Tradução nossa).

Nesse cenário, o primeiro ponto a ser discutido diz respeito ao vácuo de poder deixado pelos Estados Unidos, representado pela redução de sua presença no Oriente Médio, a partir de 2011, sinalizando que não seria o provedor principal de segurança da região, encorajando as potências regionais a buscarem a sua própria segurança (HOKAYEM, 2016, p.71).

Com a escalada do conflito sírio, mesmo representando uma séria ameaça para a estabilidade regional, os Estados Unidos e a OTAN novamente sinalizaram que não iriam intervir militarmente no conflito, se limitando a apoiar os grupos de oposição. A falta de vontade política norte-americana para intervir no conflito possibilitou uma redistribuição de poder na região, que foi prontamente ocupada pela Rússia e Irã apoiando o regime Al-Assad, e Turquia, Arábia Saudita e Catar contra o regime sírio (LOVOTTI, 2019, p.68). Em consequência, e justamente pelas coalizões apoiarem partes opostas do conflito e tentarem equilibrar o poder um dos outros, acabaram criando mais instabilidade na região ao prolongarem a guerra (GUL; KHAN; TAYYAB, 2020, p.32).

Diante da hesitação de atuação norte-americana na Síria, a Rússia conseguiu aproveitar a oportunidade para reconstruir a sua influência e consolidar a sua posição estratégica na região, atuando ativamente no conflito (ISLAM; KARIM, 2016, p.128). A posição russa se consolidou quando os Estados Unidos perderam credibilidade ao não cumprirem suas ameaças de intervir militarmente no conflito após Bashar Al-Assad permanecer ordenando o uso de armas químicas contra os rebeldes (HERBERT; OYOSORO, 2016, p.6). Portanto, até a intervenção russa, em setembro de 2015, a região contava com um certo equilíbrio de poder, em que os atores externos contavam com mais ou menos a mesma quantidade de recursos de poder para sobreviverem, mas não possuindo o suficiente para dominarem prontamente o conflito. Contudo, com a entrada de fato da Rússia apoiando o regime Al-Assad essa lógica foi rompida, pois por ser um ator decisivo, acabou abalando o equilíbrio de poder vigente.

No âmbito regional cabe destacar a formação, em 2013, da coalizão Xiita que apoiava o governo sírio, e da coalizão Sunita que apoiava a queda do regime de Al-Assad. O Eixo Xiita é composto por dois atores estatais, Irã e Síria, e por um ator não-estatal, o Hezbollah, os quais partilham os ideais de libertação da Palestina e o rompimento da ordem imposta pelos Estados Unidos na região (GÁRZON; GHOTME; ORTIZ, 2015, p.26).

Desde a Revolução de 1979, que o Irã tinha a ambição de se tornar uma hegemonia regional, mas seus interesses foram constantemente frustrados pelas sanções impostas pelos Estados Unidos frente ao desenvolvimento do seu programa nuclear. Contudo, com o acordo firmado de construção do gasoduto ligando Irã-Iraque-Síria, o Irã poderia se consolidar como um ator regional de relevância. No entanto, existia uma oposição a esse acordo, na qual a Arábia Saudita, a Jordânia e a Turquia apresentavam interesses em outro projeto de gasoduto. Esta segunda proposta foi rejeitada pela Síria. Isso sinaliza para o desequilíbrio de poder existente na região (GÁRZON; GHOTME; ORTIZ, 2015, p.26). Dessa forma, para tentar reequilibrar o poder, a Arábia Saudita aumentou o seu envolvimento na região para conter a expansão da influência iraniana (PHILLIPS, 2022, p.8).

Outra questão que sinaliza para um rompimento do equilíbrio de poder da região seria o de assegurar que o governo de Al-Assad não seria derrubado. Esta questão envolve o uso do território sírio para que o Irã possa enviar armas para o Hezbollah no Líbano. Assim, se o governo sírio caísse, existia a possibilidade de assumir um governante que não partilhasse dos mesmos ideais que os iranianos, de modo que o Irã ficaria sem um aliado para conter Israel e fazer pressão frente ao Eixo Sunita, resultando na sua queda de poder e influência na região (GÁRZON; GHOTME; ORTIZ, 2015, p.26).

Outro ponto a ser considerado em relação ao equilíbrio de poder na região refere-se a uma dúbia aliança entre a Rússia e o Irã. Apesar de cooperarem para a manutenção do governo de Bashar Al-Assad, existem divergências quanto às suas motivações e não possuem uma coordenação entre seus atos (PHILLIPS, 2022, p.14). Enquanto o Irã é inimigo declarado de Israel e tem como objetivo não perder um aliado estratégico, no caso a Síria, a Rússia entende a proteção do regime Al-Assad como um meio de conter a influência norte-americana na região. A complexa questão que se coloca é: ao mesmo tempo que a Rússia é aliada do

Irã, ela também mantém laços estreitos com Israel, chegando a colaborar com este último na realização de ataques contra os iranianos, sírios e o Hezbollah, os seus próprios aliados (PHILLIPS, 2022, p.13).

Outra questão a ser analisada compreende o Eixo Sunita, formado pela Arábia Saudita, Catar e Turquia. Os interesses dessa aliança foram destacados por Gárzon, Ghotme e Ortiz (2015, p.23) na seguinte passagem:

A eventual união de forças para enfraquecer a ameaça representada pelo Irã e sua força conjunta com o Iraque e a Síria, somada à rejeição do projeto econômico - gasoduto com Irã e Iraque - do eixo xiita. No entanto, a aliança tácita da Arábia Saudita, Catar e Turquia colide com os interesses de cada um deles". (Tradução nossa).

Assim, o Eixo Sunita, apesar de representar uma aliança, apresenta a característica de cada membro atuar de forma independente e descoordenada dos demais. Essa atuação se deu por conta da influência da fluidez e multipolaridade do sistema internacional no comportamento dos Estados, pelo qual os Estados Sunitas foram responsáveis por fragmentar ainda mais a oposição síria ao apoiarem grupos diferentes. Ou seja, com a atenção dos Estados dividida em atores distintos, a Síria foi interpretada como sendo apenas um elemento de uma competição mais ampla que já vinha sendo travada pelos interesses distintos dos Estados envolvidos (PHILLIPS, 2022, p.15).

Além desses fatores, dentro da própria união sunita havia a desconfiança da Turquia e do Catar quanto as verdadeiras motivações da Arábia Saudita, a qual havia apoiado um golpe contra seu próprio aliado egípcio Mohammed Morsi, em 2013 (HERBERT; OYOSORO, 2016, p.12). Enquanto Turquia e Catar percebem a contenção da influência do Irã como um objetivo secundário, inclusive mantendo negociações estáveis com o governo iraniano, a Arábia Saudita vê o Irã como sendo a ameaça principal. Isso levanta o receio de que as tensões entre a Arábia Saudita e o Irã acabem se expandindo para outros territórios, desencadeando outro desequilíbrio de poder no Oriente Médio (ISLAM; KARIM, 2016, p.125).

Outro caso relevante que influencia o equilíbrio de poder na região diz respeito ao relacionamento duvidoso entre Turquia, Estados Unidos e Rússia. A Turquia formalmente luta contra a formação de um Estado curdo independente; enquanto os Estados Unidos, aliado da Turquia na OTAN, presta apoio aos

curdos sírios; e a Turquia se aproximou da Rússia, que antes não partilhava do mesmo desejo de apoiar os curdos, assim como os Estados Unidos (GÜNER; KOÇ, 2017).

CONCLUSÃO

A geopolítica do Oriente Médio registra a Síria como um histórico aliado do Irã, sendo que os interesses iranianos em apoiar o governo sírio está relacionado com a necessidade de preservar um determinado nível de poder e manter uma área de influência estratégica no Oriente Médio. Em sentido contrário, encontramos a Arábia Saudita apoiando a oposição ao governo sírio, com o intento de fragilizar a influência do Irã naquela região. Portanto, a revolta contra o regime de Bashar Al-Assad, em 2011, influenciado pela primavera árabe, apenas contribuiu para intensificar as tensões já existentes entre xiitas e sunitas em relação á manutenção do governo sírio.

Além disso, a questão envolvendo a manutenção ou queda do Governo Sírio, e em função de interesses estratégicos de atores externos naquela região, à exemplo dos Estados Unidos, Rússia, Irã, Arábia Saudita, Turquia e outros países, provocou o envolvimento e intervenções diretas desses atores, ocasionando a intensificação da violência e o prolongamento do conflito.

Em relação ao equilíbrio de poder no Oriente Médio, entender essa dinâmica passa necessariamente pela compreensão do papel dos Estados Unidos e da Rússia nesse conflito. O fato é que a competição geopolítica aprofundou a rivalidade entre os Estados Unidos e a Rússia afetando, negativamente, a relação de poder no Oriente Médio. A Rússia fortaleceu sua presença na região, consolidada pela conquista de uma base militar no mediterrâneo e maior influência geopolítica. Por sua vez, os Estados Unidos fortaleceram suas alianças na região ao contribuir para a derrota do grupo extremista Estado Islâmico, mas ajudou no aprofundamento das tensões na região, envolvendo, principalmente o Irã as monarquias do Golfo.

Referências

BERZINS, Jānis. "Civil War in Syria: Origins, Dynamics, and Possible Solutions". Strategic Review, n.07, 2013, p.1-10.

CORRÊA, Fernanda das Graças. “A Balança de Poder sob a ótica de Kenneth Waltz: Uma discussão da Teoria Sistêmica”. *Revista InterAção*, v.11, n.11, jul/dez 2016, p.38-50.

DOSTAL, Jörg Michael. “Syria’s Global War and Beyond: Will the Balance of Power in the Middle East be restored? ”. *Studia Politica: Romanian Political Science Review*, v.18, n.3, 2018, p.351-392.

EASO, European Asylum Support Office. “Context and international actors overview”. In: *Syria Actors: Country of Origin Information Report*. European Union, 2019, p.4-10.

GÁRZON, Ingrid; GHOTME, Rafat Ahmed e ORTIZ, Paola Andrea Cifuentes. “Las relaciones internacionales de la guerra civil síria a partir de um enfoque regional: hegemonia y equilibrio em Medio Oriente”. *Estudios Políticos*, vol.46, 2015, p.13-32.

GUL, Saima, KHAN, Arif e TAYYAB, Muhammad. “The Role of Global Powers in the Prolongation of the Syrian Conflict”. *Global Political Review*, v.5, n.1, 2020, p.29-35.

GÜNER, Serdar Ş e KOÇ, Dilan E. “Shifting Balances of Power in the Syrian Conflict”. *Turkish Policy Quarterly*, v.16, n.1, 2017, p.123-131.

HERBERT, E.I e OYOSORO, Felix I. “Syrian in a torment: Key actors and geopolitical intrigues”. *Journal of Social Policy & Society*, v.11, n.2, 2016, p.1-19.

HOKAYEM, Émile. “La Crise Syrienne: Un enjeu de Sécurité Régional”. Cairn, Comité d’Études de Défense Nationale, n.791, 2016, p.66-72.

ISLAM, Md. Nazmul e KARIM, Sajid. “Syrian Crisis: Geopolitics and Implications”. *Biiss Journal*, v.37, n.2, 2016, p.107-132.

KINNINMONT, Jane. “The Syria Conflict and the Geopolitics of the Region”. *IEMed Mediterranean, State of Play and Outlook of the Syrian Crisis*, 2014, p.28-53.

LOVOTTI, Chiara. Capítulo 4. “Redistribution of Power in the Middle East: Moscow’s Return to Syria”. In: MEZRAN, Karim e VARVELLI, Arturo. *The Mena Region: A Great Power Competition*, Milano: Ledizioni LediPublishing, 2019.

LOZANO VÁZQUEZ, Alberto. “La Seguridad Internacional desde las Teorías de las Relaciones Internacionales”. In: LOZANO VÁZQUEZ, Alberto; RODRÍGUEZ SUMANO, Abelardo. *Seguridad y Asuntos Internacionales*, México: Siglo Ventiuno Editores /AMEI, 2021.

MIJARES, Víctor M. “Realismo Y Seguridad Internacional”. In: LOZANO VÁZQUEZ, Alberto; RODRÍGUEZ SUMANO, Abelardo. *Seguridad y Asuntos Internacionales*, México: Siglo Ventiuno Editores /AMEI, 2021.

MORGENTHAU, Hans J. *A Política entre as Nações: a luta pelo poder e pela paz*: Tradução de Osvaldo Biato – Brasília: Editora Universidade de Brasília: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais.2003.

PERUDIN, Alirupendi e TAN, Kim Hua. “The “Geopolitical” Factor in the Syrian Civil War: A Corpus-Based Thematic Analysis. *Sage Open*, april-june 2019, p.1-15.

PHILLIPS, Christopher. “The international system and the Syrian civil war”. Sage, 2022, p.1-24.

RODRIGUES, Thiago. *Guerra e Política nas Relações Internacionais*. Educ: São Paulo, 2010.

YAZICI, Hanefi. “Proxy Wars in Syria and a New Balance of Power in the Middle East”. *Journal of Management and Economics Research*, v.16, n.3, 2018, p.1-10.

ZULFQAR, Saman. “Competing Interests of Major Powers in the Middle East: The Case Study of Syria and Its Implications for Regional Stability”. *Perceptions*, vol.23, n.1, 2018, p.121-148.

Recebido em 2023.11.29.

Publicado em 2024.03.04.